

## Elogio ao Mestre

José Waldemar Thiesen Turna

Agradeço a oportunidade de estarmos hoje aqui reunidos, colegas queridos, familiares, alunos e conhecidos do Prof. Manoel Tosta Berlinck.

No tempo proposto não irei comentar sobre o “amigo”, sobre o “amor de amizade” que se construiu entre nós ao longo de muitos anos, um laço do qual sofro a falta e que sem dúvida mereceria outro ensaio.

Para esta Homenagem, preferi escolher outro tema que nos fica como legado de seu trabalho e que foi desde este lugar que inicialmente me aproximei, o lugar do “Mestre”.

Este tema requer breve retorno a compreensão mítica do termo para expressar seu sentido pleno.

A palavra “Mythos” vem do Sânscrito e em sua concepção original designa o “som fundamental do Universo”. My – Theos desde onde deriva a palavra My – Zeus (que surgirá como o nome do Deus Zeus) e por fim, “My – Mous” o som fundamental desde onde nos chegam os “Mantras” e o som “Mântrico”, o canto que significa “O silêncio cósmico da meditação”.

MOUS significa o fundamento da linguagem, a linguagem dos Deuses, portanto, linguagem cifrada, proposta a uma compreensão mais elevada da existência.

Os Deuses não falam de modo evidente, visto sermos primitivos e termos o desafio de nos elevar-mos.

Desde o primórdio dos tempos o ser humano se faz uma questão essencial: O que estamos fazendo aqui?

Em resposta a esta questão, surge uma resposta possível: Alcançar a linguagem dos Deuses para sairmos das trevas da ignorância em busca de iluminação.

Para se apropriar desta linguagem é necessário a compreensão de seu fundamento, de sua origem, de sua criação.

Esta compreensão se dá a partir da linguagem Mítica.

A função dos mitos é refletir sobre a existência, pois não suportamos viver sem sentido, sem uma busca por um significado que norteie nossa existência nos retirando da insuportável nulidade, da insuportável ausência de ser.

E quem são as pessoas que se dedicam ao trabalho de decifrar a razão de nossa existência?

Os gregos chamavam de “Mistê” àqueles que se dedicavam a esse trabalho, expressão derivada de “Mistis” e de “Misterion”.

“Mistê” é aquele que se dedica à compreensão dos mistérios.

“Mathis” seria o termo utilizado para os aprendizes, para os **iniciados** nas artes dos Mistérios. De “Mathis” também teremos suas derivações: “Mathi/mati/ké”, ou, “aqueles que se dedicam ao aprendizado da ordem cósmica” de um “ritmo Cósmico” (os Mantras - como Cânticos ou cantos, nos auxiliariam como ferramentas para captação deste ritmo, desta Ordem).

O tema da iniciação se dirige aqueles que se voltam à busca do início, do começo dos tempos, do começo da criação.

O iniciado deve retirar das “Mousas” (ou Moysas, ou “Musas”) a inspiração sagrada para esta compreensão. As “Musas”, consagradas pela Ordem Apolínea para roubar dos Deuses essa compreensão, tem o dom de repassar para nós humanos essa mensagem. A “inspiração” é a compreensão deste significado.

Portanto, duas linguagens nos remetem à transcendência sobre a Origem: a Música e a Matemática.

Duas linguagens que abordam o “Inefável”, que nos iluminam para além da consciência vulgar. Quando tocados pela inspiração das Musas, sofremos uma intervenção que faz com que abandonemos o plano lógico. Nenhuma criação se dá no plano lógico.

Toda Criação vai em direção ao “Inexistente”, caso contrário não seria “Criação”, e isso porque tocamos, quando Inspirados, algo muito contrário à nossa condição mortal.

“**Não se explica o novo desde o antigo**”. E essa não deixa de ser uma dificuldade em conceber a temporalidade que se evidencia em dois conceitos freudianos valorizados por Lacan: o “après-coup” (retomado pela inspiração hegeliana) e a “sobre-determinação”, a problemática desde Freud a respeito dos sintomas num efeito de retroação ou na noção de regressão.

O Mistério que nos Toca vem pela regeneração do passado do homem, e só é conquistado após um longo caminho de aprendizado.

Todo Saber é libertador e toda ignorância nos conduz à clausura, à caverna.

O Caminho do Homem é um caminho de sacrifícios e de rigor.

E este caminho do Homem necessita de um “condutor”, essa figura que foi chamada de “Mistir”, ou como ficou conhecido no latim como “Mester” ou “Mestre”.

Aquele que conduz a “construção do indivíduo”, aquele que “acompanha o longo caminho” do “Mathis” (do iniciado).

O desafio do Mestre é conduzir a “Educação” do Iniciado à Compreensão do “Divino”, a possibilidade do Iniciado de escutar a “Mitopoiésis”.

O processo desta educação para o Divino consiste em um “despedaçar-se” para poder “reunificar-se”.

“Não se alcança a Criação sem o despedaçamento”. Nossa vida é um constante despedaçamento histórico, “despedaçamento e consolidação”, onde, a cada passagem deste “tempo” sentimos que crescemos um pouco.

A palavra Metamorfose traduz essa condição com precisão, “Meta” + “Morfe”: “forma que caminha”, que “evolui”.

A significação contida nesta expressão nos conduz a profundos questionamentos:

“Em que estágio se encontra sua vida”?

“Em que estágio de aperfeiçoamento se encontra sua dedicação”?

“Em que estágio de aperfeiçoamento se encontra sua capacidade, seus talentos”?

A “Iniciação” tem um sentido de Redenção. Aperfeiçoamento que é realizado a partir de si-próprio e de um acompanhante Mestre, que conduzirá ao reconhecimento destes “Talentos”.

Cabe aqui, lembrar as palavras de Foucault a respeito da posição que ocupa o “mestre”:

Creio que temos aí (aquilo que parece-me, devemos reter) o que define a posição do Mestre na *epiméleia heautoû* (o cuidado de si). Pois o cuidado de si é, com efeito, algo que como veremos, tem sempre necessidade de passar pela relação com um outro que é o Mestre. Não se pode cuidar de si sem passar pelo Mestre, não há cuidado de si sem a presença de um Mestre. Porém, o que define a posição do Mestre é que ele cuida do cuidado que aquele que ele guia pode ter de si mesmo. [...] O mestre é aquele que cuida do cuidado que o sujeito tem de si mesmo e que, no amor que tem pelo seu discípulo, encontra a possibilidade de cuidar do cuidado que o discípulo tem de si próprio. Amando o rapaz de forma desinteressada, ele é assim o princípio e o modelo do cuidado que o rapaz deve ter de si enquanto sujeito<sup>1</sup>.

A palavra “talento” deriva da expressão “Dádiva”, que em Grego é pronunciado “Kharis” - Haris – de onde, “Carisma” que em seu significado original (do Sânscrito) deriva de “Choro” - Horôs.

Côro, dança e musicalidade. Traduzem “abertura”, energia que se dirige à imortalidade perdida.

Essa energia é realizada em “Talentos”, “Dons” e “Graças”, tudo que esta dirigido à vida, em oposição à morte e à doença.

“Ouse ou desperdiçe”.

Dois ditados Gregos (arcaicos, porém vivos até hoje) nos dão a dimensão da importância de nosso lugar no Destino:

“Os Deuses não impõem o Destino a cumprir, apenas sugerem”.

---

<sup>1</sup> Foucault, Michel. A Hermenêutica do Sujeito. Ed: Martins Fontes: São Paulo, 2004, p. 73 e 74.

“O Destino acalanta quem o segue e arrasta quem o nega”.

Neste sentido, “Destino” é a realização de si-próprio ao máximo, transformando tudo numa irresistível Kháritas, ou seja, “A graça alcançada”.

Não esperamos a “Graça” advinda da destruição, a “Graça” é voltar para a Vida, tornar toda a energia voltada à Vida.

É a partir de seu “pendor”, sua “graça” que o homem estabelece o desafio de seu trabalho e se torna “Um homem que constrói”.

Desde aí se revigora um “Projeto de Educação”.

A função do Mestre é, e sempre será, impedir o esquecimento.

Serei eternamente grato ao Destino haver colocado o Prof. Manoel Berlinck em minha história.

Obrigado.

## Referências Bibliográficas

Foucault, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. Ed: Martins Fontes: São Paulo, 2004.

Salis, Viktor David. *As Escolas dos Mistérios da Grécia e Egito* - Áudio livro – Primeira edição, 2013.

Autor: José Waldemar Thiesen Turna, Psicólogo, Psicanalista, Mestre em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, Coordenador do Núcleo Psicanálise e Psicoses – Centro de Estudos Psicanalíticos - CEP/SP, Supervisor Clínico de Serviços de Assistência Social do Município de São Paulo, Autor do livro: *Atendimento Psicológico às Toxicomanias*, Ed: Zagodoni, 2012.